

A Uma MELODIA DE DISTÂNCIA



LORENA SCHÄFER
VALENTINA FAST

SECRET
SOCIETY



AVISOS DE CONTEÚDO

Álcool

Separação e divórcio

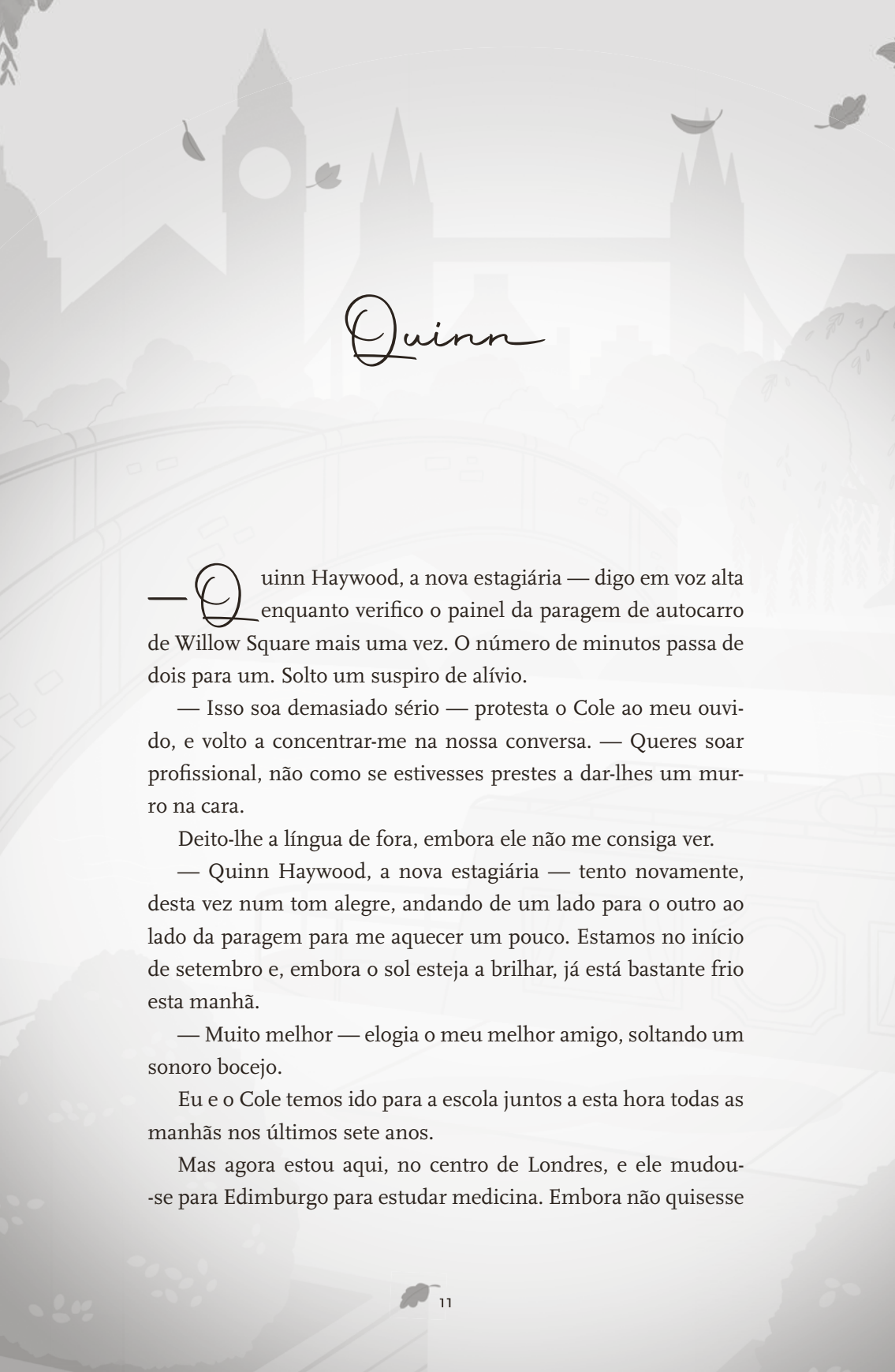


*Para a Anni,
que, com a sua ideia e paixão, tornou
a verdadeira experiência de girlhood possível*



Playlist da Quinn

- 1 **So Long, London**
Taylor Swift
- 2 **Too Sweet**
Hozier
- 3 **Autumn Comes**
David Gramberg, Mary Lou
- 4 **BIRDS OF A FEATHER**
Billie Eilish
- 5 **Can't Pretend**
Tom Odell
- 6 **Fly**
Anna Graves
- 7 **Slow It Down**
Benson Boone
- 8 **Love Again**
Dua Lipa
- 9 **Hollow Coves**
Evermore
- 10 **I am not who I was**
Chance Peña
- 11 **Warwick Avenue**
Duffy
- 12 **Walls**
Louis Tomlinson
- 13 **Why Why Why**
Shawn Mendes
- 14 **Bitter Sweet Symphony**
The Verve
- 15 **Need the Sun to Break**
James Bay
- 16 **Unwritten**
Natasha Bedingfield



Quinn

— Quinn Haywood, a nova estagiária — digo em voz alta enquanto verifico o painel da paragem de autocarro de Willow Square mais uma vez. O número de minutos passa de dois para um. Solto um suspiro de alívio.

— Isso soa demasiado sério — protesta o Cole ao meu ouvido, e volto a concentrar-me na nossa conversa. — Queres soar profissional, não como se estivesse prestes a dar-lhes um murro na cara.

Deito-lhe a língua de fora, embora ele não me consiga ver.

— Quinn Haywood, a nova estagiária — tento novamente, desta vez num tom alegre, andando de um lado para o outro ao lado da paragem para me aquecer um pouco. Estamos no início de setembro e, embora o sol esteja a brilhar, já está bastante frio esta manhã.

— Muito melhor — elogia o meu melhor amigo, soltando um sonoro bocejo.

Eu e o Cole temos ido para a escola juntos a esta hora todas as manhãs nos últimos sete anos.

Mas agora estou aqui, no centro de Londres, e ele mudou-se para Edimburgo para estudar medicina. Embora não quisesse

estar em mais lado nenhum neste momento, sinto muito a falta dele.

— Oh, meu Deus, estou tão entusiasmada — confesso quando o autocarro finalmente chega. Um autocarro vermelho de dois andares, tal como deve ser.

— Vais deixá-los de queixo caído.

Espero mesmo que o Cole tenha razão. Começar na Trinity Media, a maior empresa de media do Reino Unido, é a melhor coisa que alguma vez me aconteceu. O meu jackpot pessoal, a maior oportunidade da minha vida, uma sensação como ter bilhetes na primeira fila para a Taylor Swift ou um fornecimento vitalício de livros... quase bom demais para ser verdade! Mas é verdade — eu pertenço mesmo aqui agora, a começar o meu futuro em Londres.

Entro no autocarro cheio atrás de um senhor idoso e seguro-me a uma das alças no meio. Tudo parece estranho e, ao mesmo tempo, familiar. Vi tantos filmes, reels e fotografias que já sabia exatamente como Londres era quando ainda vivia em Spilsby, que é o completo oposto de Londres: pequena, aborrecida — e o único pub fecha às 22 horas todas as noites.

Quando o autocarro volta a andar, sou empurrada para trás com um solavanco. Felizmente, o rapaz ao meu lado consegue equilibrar habilmente o seu copo de café e desvia-o de mim, e eu sorrio-lhe em agradecimento. Uma mancha castanha na roupa que escolhi com tanto cuidado seria a última coisa de que preciso no meu primeiro dia. Calças de ganga, ténis brancos New Balance e o meu novo blazer bege devem dizer: sou descontraída, profissional e trabalhadora, tudo ao mesmo tempo.

Tiro o telemóvel do bolso lateral do blazer e deslizo para fechar a chamada do Cole, para voltar a verificar as ligações de transporte. Dei mais de uma hora para uma viagem de vinte minutos até Soho. No meu primeiro dia, não deixo nada ao acaso.



— Então, como foi a tua primeira noite? — pergunta o Cole, enquanto se ouve o autoclismo ao fundo.

— Tu foste mesmo à casa de banho? — pergunto, meio chocada, meio divertida.

— Se insistes em continuar a falar comigo precisamente nesta altura, isto faz parte do acordo — defende-se ele.

Suspiro de forma exagerada.

— Claramente sabemos demasiado um sobre o outro.

— Não é verdade. Ainda não sei como foi a tua primeira noite ontem.

Não lhe respondo, mas fico a ouvir.

— Quinn? — chama o Cole passado um momento. — Ainda estás aí?

— Não ouço a torneira — digo, de forma incisiva, erguendo uma sobrancelha com ar desafiador, embora, lá está, ele não me consiga ver.

— Estás só a tentar distrair-me — a voz do Cole soa metálica enquanto a água corre ao fundo. — Como médico em formação, sei a importância da higiene, obrigado por perguntas.

Tento imaginar o Cole a arranjar-se numa casa de banho que não reconheço. Tenho a certeza de que vai conhecer todo o tipo de pessoas novas na universidade que ainda não sabem nada sobre ele e que ficarão, com razão, impressionadas com a sua inteligência. Mas, para mim, ele será sempre o miúdo que come cereais sem leite de manhã e que enfiou doze bolachas de manteiga na boca de uma só vez no sexto ano para ganhar uma aposta.

— Então, desembucha — o Cole interrompe-me os pensamentos. — Porque é que ontem não me enviaste mais fotos da tua nova casa partilhada, como prometeste? Foi algum tipo de esquema e o teu depósito foi parar a um desses sítios horríveis?

O meu olhar pousa nas belas fachadas das casas em Hampstead, por onde estamos a passar.

— Pelo contrário. É ainda mais bonita do que nas fotografias.

— Então porque é que fico com a impressão de que ainda não estás entusiasmada?

Suspiro. Quando ontem cheguei à casa partilhada com as malas feitas, muito mais tarde do que devia porque o comboio ficou parado algures nas Midlands durante quase duas horas, só a Pippa, a filha dos senhorios, estava lá.

— *As outras duas foram a casa passar o fim de semana e só voltam amanhã — disse ela, sem sequer levantar os olhos do telemóvel. O seu rabo de cavalo castanho e brilhante balançava enquanto mudava nervosamente o peso de uma perna para a outra. — Este é o teu quarto, a casa de banho é ao lado. Tenho de ir agora; já estou muito atrasada porque esperei imenso tempo pela entrega das chaves.*

— *Peço imensa desculpa — respondi, e momentos depois estava completamente sozinha na moradia que, a partir de então, seria a minha casa. Em vez de a explorar com calma, limitei-me a fazer a cama e a enfiar-me nela.*

Conto tudo isto ao Cole, embora tente transparecer um tom otimista.

— Não é mau, na verdade. Não sei bem o que estava à espera.

— Mentirosa — a voz do Cole soa suave. — Nós sabemos exatamente o que tinhas em mente.

Mordo o interior da bochecha. Ainda na semana passada estava prestes a desistir de procurar um quarto acessível em Londres quando vi um anúncio de uma garagem habitável «Espaçosa, aquecedor portátil incluído, apenas 699 libras/mês», mas depois apareceu outro: «Quarto em agradável casa partilhada para 4 pessoas/Hampstead disponível a curto prazo! Somos muito mais do que colegas de casa e gostamos de passar tempo juntos». O preço era razoavelmente acessível, e as fotografias eram lindíssimas. O telemóvel quase me caiu das mãos com o entusiasmo enquanto enviava os meus documentos o mais depressa possível.



— Foste a primeira — disse a Pippa quando nos conhecemos numa videochamada algumas horas depois. Falou entusiasmadamente da casa e da convivência, e eu mal podia acreditar na minha sorte quando me aceitou de imediato.

Por isso, nos últimos dias, andei a imaginar como iria sentar-me com as minhas novas colegas de casa, conversar e rir com elas. Que aquele lugar se tornaria algo como um novo lar para mim, quando tudo o que eu queria era suprimir a minha vida real. Mas ontem à noite senti-me terrivelmente sozinha.

— Não faz mal — digo ao Cole. — Se não gostar, procuro outra coisa. O mais importante é o estágio.

Olho em volta. Há algo de estranho. O autocarro está parado há algum tempo, mas estive tão perdida nos meus pensamentos que nem sequer prestei atenção. Estico-me para tentar ver o que se passa à frente.

— Obras na estrada — diz o rapaz com o café, e eu tiro um dos auriculares. — Como todas as manhãs.

— Sabes se isto demora muito?

— Não, é mais uma surpresa diária em que nunca sabes como vai acabar — brinca ele, com um ar sofrido.

— Que chatice — murmuro, ouvindo com o outro ouvido enquanto o Cole liga agora uma máquina de café.

— Quinn? — pergunta ele, mas eu apresso-me a abrir o Google Maps e a introduzir o caminho para a Trinity Media House. — Quarenta e oito minutos — solto, ofegante, quando surge uma linha vermelho-escura. Como é possível? São só alguns quilómetros! Assim nunca vou chegar a horas. Devia ter apanhado o metro, ao menos lá não há engarrafamentos. Tenho de sair deste autocarro agora e arranjar outra forma!

— Tenho de desligar — digo, nervosa, ao Cole. — Tem um ótimo primeiro dia na universidade. E lembra-te de todos os detalhes por mim.



— Arrasa! — incentiva-me ele mais uma vez, e eu desligo.

— Desculpe — repito várias vezes enquanto me esgueiro pelos outros passageiros até à frente do autocarro. — Desculpe — digo de novo.

A motorista aponta para o grande sinal pendurado ao lado dela, que qualquer criança conhece de cor: não falar com o motorista.

— Pode deixar-me sair aqui, por favor?

Ela vira a cabeça na minha direção e lança-me um olhar reprovador.

— A próxima paragem só é daqui a duas ruas, menina.

Olho para os carros à nossa frente, sem avançarem um centímetro.

— Mas isso pode demorar imenso. — A minha voz sobe a cada palavra.

— Estas obras estão a paralisar todo o norte. O mesmo todas as manhãs.

Não posso chegar atrasada de forma alguma. Esta é a minha grande oportunidade e quero causar uma boa impressão. Toda a minha futura carreira depende disto. Trabalhei tanto para chegar aqui. Penso imediatamente na mãe e no pai, que desde o início me aconselharam a desistir deste sonho.

— Por favor — imploro novamente à motorista do autocarro. — O meu futuro depende deste dia!

Entretanto, as pessoas na parte da frente do autocarro ouvem-nos com interesse.

A motorista solta um suspiro alto.

— Só posso abrir as portas em caso de emergência. Regras são regras.

Devo fingir que desmaio? Não, alguém pode chamar uma ambulância e eu não conseguiria sair. Além disso, isso seria mesmo um crime e péssimo para o meu karma. O autocarro continua



sem avançar, enquanto os peões passam por nós lá fora. Esta situação é completamente absurda! Mas não vou desistir assim tão facilmente. Tenho de tentar a verdade.

— Jolene — digo, esperando estar a pronunciar corretamente o nome no crachá da blusa. — Alguma vez quis tanto uma coisa porque sabia que ia mudar a sua vida para melhor?

A Jolene acena, hesitante.

Agora o autocarro está em silêncio e todos os passageiros olham para mim.

— E teria feito tudo o que fosse possível para alcançar esse objetivo?

Ela torna a acenar, e acho que reconheço algo como um sorriso nos cantos da boca.

— Isto é uma emergência. Podia dizer-lhe que a minha avó está doente, ou que vou vomitar se não apanhar ar fresco imediatamente. — Uma rapariga ao meu lado afasta-se um pouco de mim. — Mas vou dizer-lhe a verdade: se me atraso no primeiro dia de trabalho, nunca vou ser a melhor do meu ano. Não vou conseguir um dos poucos empregos que restam no jornalismo, vou ter de voltar para casa dos meus pais e viver no meu quarto de infância enquanto passo o dia a ver vídeos de gatos. Por favor, não me faça isto!

Não sei se foi por causa do meu discurso inflamado ou se ela só quer que eu me cale, mas a Jolene abre a porta com um rangido.

— Obrigada, obrigada, obrigada — digo, já a descer os degraus, quando uma senhora mais velha na primeira fila pergunta:

— Para onde tem de ir?

Olho para o telemóvel.

— Tottenham Court Road.

Ela acena com uma expressão sábia.

— O melhor é apanhar o metro. Entre na Northern Line.

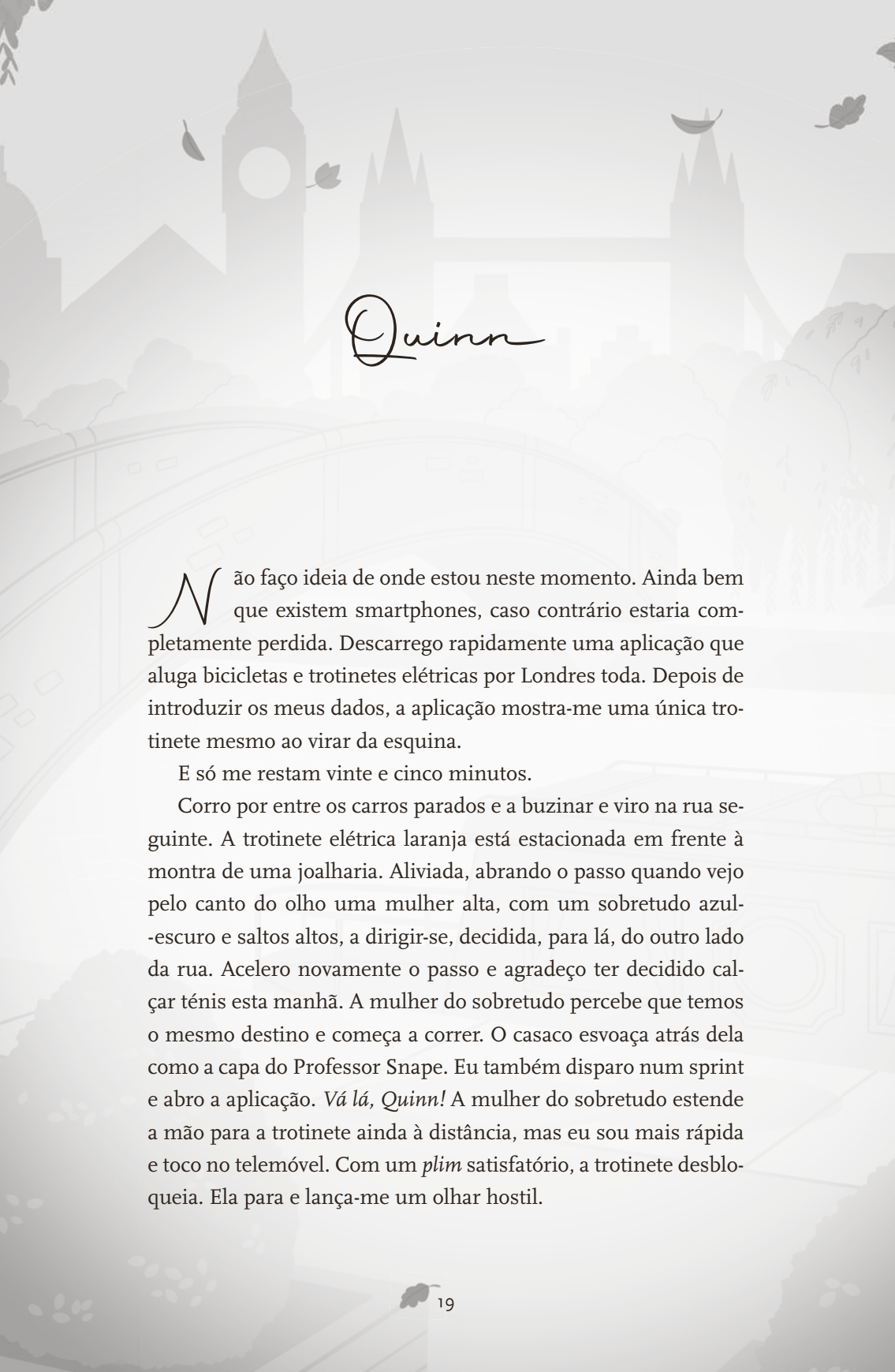
— Nem pensar — intervém um pai com o filho ao colo.
— Houve cancelamentos esta manhã, é por isso que estou aqui.
Olho, indecisa, de um para o outro.

— Há boas hipóteses de o metro já estar a funcionar agora, acredite — diz a senhora com firmeza. — Vivo aqui há mais de trinta anos.

O pai abana a cabeça e lança-me um olhar de aviso. O que é que eu faço?

Nesse momento, vejo alguém a passar de bicicleta. É isso! Sem pensar duas vezes, salto os degraus do autocarro e começo a correr. Trinity Media House, aí vou eu!





Quinn

Não faço ideia de onde estou neste momento. Ainda bem que existem smartphones, caso contrário estaria completamente perdida. Descarrego rapidamente uma aplicação que aluga bicicletas e trotinetes elétricas por Londres toda. Depois de introduzir os meus dados, a aplicação mostra-me uma única trotinete mesmo ao virar da esquina.

E só me restam vinte e cinco minutos.

Corro por entre os carros parados e a buzinar e viro na rua seguinte. A trotinete elétrica laranja está estacionada em frente à montra de uma joalharia. Aliviada, abrindo o passo quando vejo pelo canto do olho uma mulher alta, com um sobretudo azul-escuro e saltos altos, a dirigir-se, decidida, para lá, do outro lado da rua. Acelero novamente o passo e agradeço ter decidido calçar ténis esta manhã. A mulher do sobretudo percebe que temos o mesmo destino e começa a correr. O casaco esvoaça atrás dela como a capa do Professor Snape. Eu também disparo num sprint e abro a aplicação. *Vá lá, Quinn!* A mulher do sobretudo estende a mão para a trotinete ainda à distância, mas eu sou mais rápida e toco no telemóvel. Com um *plim* satisfatório, a trotinete desbloqueia. Ela para e lança-me um olhar hostil.

— Desculpe! — grito enquanto subo para a trotinete, fixo o telemóvel no suporte e acelero. — Mas estou com muita pressa!

Sinto-me mesmo mal, mas esta é a minha última hipótese de chegar a horas. O vento passa pelos meus cabelos enquanto atravesso as ruas movimentadas. Olho, entusiasmada, para as casas, as lojas e os cafés e não consigo evitar sorrir ao passar por um grande parque onde as pessoas correm ou bebem café em mesas de piquenique. Deve ser o Regent's Park. Pouco depois, surgem edifícios altos de escritórios e ruas estreitas, e estou no centro de Londres.

Desvio-me cuidadosamente dos muitos carros e, pouco tempo depois, sinto um enorme alívio quando finalmente chego ao meu destino. No entanto, quando vejo as quinze libras que a aplicação me cobra, o meu estado de espírito altera-se de imediato. Preciso urgentemente de repensar algumas coisas se quiser gastar o meu dinheiro em mais do que apenas deslocações para o trabalho.

Dinheiro, penso com tristeza, o tema eternamente cansativo. Desde pequena que os meus pais querem que eu tenha uma vida melhor do que a deles e escolha uma profissão em que possa ganhar bem. Na opinião deles, eu devia ter ficado em Spilsby para conseguir um emprego seguro na empresa de transportes local. Só de pensar nisso, sinto um aperto no peito.

Ergo o olhar para o grande letreiro de entrada com o logótipo da Trinity Media que está à minha frente. No centro de uma das cidades mais caras do mundo, a perseguir o meu sonho de uma carreira no jornalismo — uma profissão em que não é certo que venha a conseguir um emprego estável ou ganhar a vida no futuro. Mas não quero fazer mais nada.

O meu olhar percorre o edifício de vidro e conto onze andares. A excitação cresce imediatamente dentro de mim. *É isto. É exatamente aqui que querias estar!* Os jornais, sites, canais de televisão, produções cinematográficas e podcasts de maior sucesso do Reino Unido, com enorme alcance, são criados neste edifício.



A minha formação inclui trabalhar numa das redações durante os primeiros três meses, após os quais tenho um bloco de três meses de seminários na escola de jornalismo. Este ritmo alterna até terminar, dentro de dois anos.

Respiro fundo uma última vez e tento absorver este momento especial. Em simultâneo, ignoro a sensação de ansiedade que se espalha pelo meu estômago. *Isto vai correr bem, e vou provar à mãe e ao pai que tomei a decisão certa.*

Olho para o telemóvel. Só faltam dez minutos! Subo rapidamente as escadas e atravesso uma grande porta giratória. O átrio da Trinity Media é enorme. Cartazes dos programas mais recentes estão pendurados nas paredes, programas de televisão em direto passam em grandes ecrãs e as pessoas apressam-se através de torniquetes em direção aos elevadores. Dirijo-me a um balcão de receção semicircular, atrás do qual estão três pessoas sentadas.

— Bom dia — cumprimenta-me uma senhora de blazer preto.

— Bom dia — respondo. — Sou a Quinn Haywood, a nova estagiária. — A minha voz soa firme, mas não demasiado alta. O Cole ficaria orgulhoso de mim.

— Ah, sim, só um momento. — A rececionista remexe na mesa à sua frente.

— Devo entrar em contacto com o Mr. Rowe — acrescento.

Já pesquisei o meu futuro chefe, claro. Na pequena fotografia que aparece nos seus artigos, parece sério mas simpático. Está responsável pela secção de atualidade do *London Herald*, um dos jornais diários, que é exatamente a área que eu queria. Quero aprender tudo sobre isso: como preparar reportagens sobre temas realmente importantes, como formular textos de forma a chegar a um grande público. E estas são apenas algumas das razões pelas quais quero tornar-me jornalista.

A rececionista pega no telefone à sua frente e marca um número.

— Mr. Rowe? A última estagiária já chegou. — Desliga e dirige-me um sorriso. — Ele já vem.

Devo ser a última, mas ainda assim cheguei a horas. Isso é o mais importante!

— Aqui tem o cartão de identificação, que deve usar sempre no edifício, e este é o cartão com chip de que precisa para passar pelos torniquetes, entrar no elevador e abrir as portas. — A rececionista entrega-me ambos. — Tenha um excelente primeiro dia.

— Obrigada — respondo, feliz, ao recebê-los. Tenho um passe oficial!

Um momento depois, o Mr. Rowe está ao meu lado.

— Quinn Haywood. Então estamos todos. — Faz um visto na lista que tem na mão. — Mesmo a tempo.

Passo a mão pelo cabelo, esperando que não esteja demasiado despenteado depois da minha viagem apressada.

— Sim, tive alguns problemas com o autocarro, infelizmente.

O Mr. Rowe sorri-me com simpatia.

— Com o tempo habitua-se e acaba por descobrir os atalhos. — Conduz-me até aos torniquetes atrás da receção e eu sigo-o. — Temos de nos despachar. Sou o Alastair Rowe, estou na Trinity Media há vinte e seis anos e conheço esta empresa por dentro e por fora.

— Fico muito contente por ter sido colocada consigo — digo, tentando acompanhar o ritmo dos passos rápidos. — A atualidade é exatamente a área que eu queria.

— Atribuída a mim? — O Mr. Rowe ri-se, passando pelo torniquete. — Não, eu só sou responsável pelas novas chegadas hoje. Trabalha no quarto andar.

— Oh — suspiro. Estava convencida de que ficaria no departamento dele, já que o e-mail de boas-vindas dizia que devia reportar a ele no primeiro dia.



Seguro o meu cartão com chip em frente ao leitor do torniquete e atravesso quando ele apita. O Mr. Rowe já está à espera junto aos elevadores.

— Vai começar na Celebritain. A reunião editorial da manhã começa dentro de cinco minutos. Quarto andar, depois imediatamente à direita, na grande sala de conferências. A sua supervisora é a Fiona Barton. Esta tarde haverá outra receção para os novos estagiários na cafetaria aqui no rés do chão. Tem toda a informação nos seus e-mails. Bom começo! — Sorri-me outra vez e regressa à receção.

Surpreendida, fico a vê-lo afastar-se e tento processar toda a informação. Vou começar na Celebritain, de todas as coisas? A euforia que tinha sentido há momentos transforma-se numa profunda desilusão. A revista de mexericos cobre as últimas focas de celebridades e é praticamente o último departamento onde queria trabalhar.

Mas não tenho tempo para me afundar na autocomiseração. Carrego no botão do elevador e olho para o telemóvel. Só faltam quatro minutos.

— Anda lá, anda lá — repito, impaciente.

O visor para no segundo andar e não desce mais. Não posso falhar agora, tão perto da meta! Seja no departamento que for, tenho de chegar a horas. Mas o elevador continua sem se mexer.

Olho em volta, em pânico, vejo o sinal de saída de emergência e corro na direção dele sem hesitar. Uma porta grande dá acesso a uma escadaria envidraçada que cheira a produto de limpeza com limão. Subo as escadas o mais depressa que consigo. Certamente consigo fazer quatro andares!

Após pouco tempo, estou completamente sem fôlego e, quando chego ao quarto andar, lanço um último olhar à porta de vidro. O meu cabelo está bastante despenteado, mas o meu batom vermelho manteve-se impecável.

Ofegante, abro a porta com o meu cartão e dou por mim num corredor comprido. Como vim pelas escadas, as indicações do Mr. Rowe já não estão corretas! E, provavelmente, já estou atrasada! Apresso-me pelo corredor e entro num open space, mas está completamente vazio. Como seria de esperar, toda a gente já está na reunião. Volto a correr pelo corredor, vejo o elevador e passo por ele apressadamente até uma grande sala envidraçada onde uma dúzia de pessoas está sentada.

Respiro fundo e entro. No segundo seguinte, todos os olhares se viram para mim. A maioria dos meus novos colegas observa-me com curiosidade e interesse, mas também recebo alguns olhares críticos.

— Olá, sou a Quinn Haywood, a nova estagiária — repito a minha apresentação, sentindo-me cada vez mais confiante.
— Deveria reportar à Fiona Barton.

Algumas pessoas acenam-me e um homem ruivo e barbu-do diz:

— Olá, Quinn, sou o Oscar. A Fiona ainda não chegou, mas assim que chegar a reunião começa. Encontramo-nos todas as manhãs às nove para distribuir os temas correntes.

Aceno e sorrio-lhe, agradecida. Ainda bem que cheguei mesmo a tempo. Sento-me então numa cadeira livre no fim da mesa, tiro o blazer com cuidado e tento não ofegar demasiado alto. Preciso urgentemente de trabalhar a minha condição física. Ou sair ainda mais cedo amanhã.

Consigo ouvir alguns dos meus novos colegas a conversar sobre o fim de semana até que alguém diz em voz alta:

— Ela está a chegar!

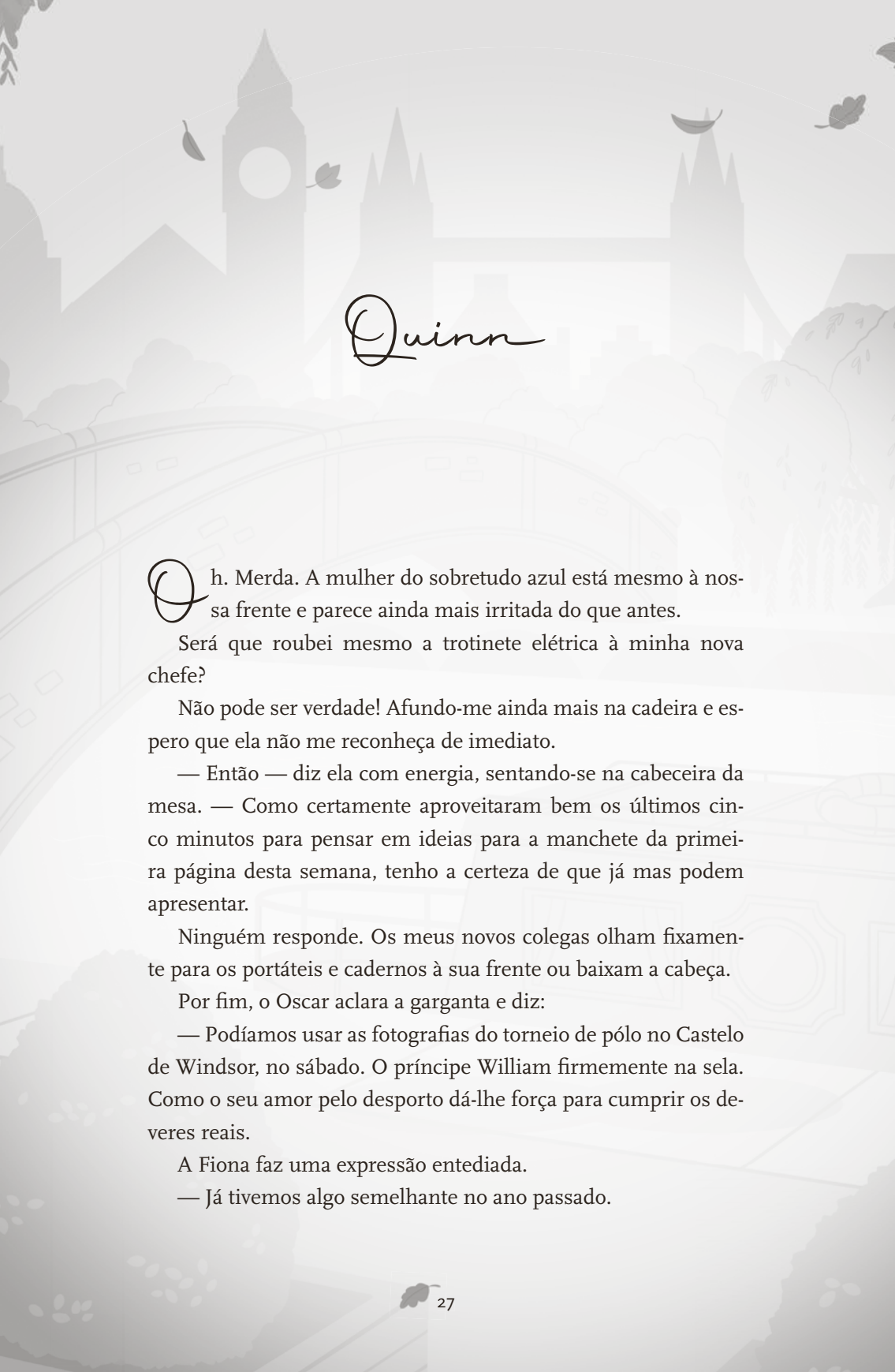
As conversas cessam de imediato e ouço o som dos saltos altos a aproximarem-se.

— Tenho de me desculpar pelo atraso. Caos no metro, e depois uma miúda mal-educada roubou-me a única trotinete



elétrica disponível, apesar de eu já a ter visto primeiro. Tive de vir a pé quase todo o caminho, conseguem imaginar?





Quinn

Oh. Merda. A mulher do sobretudo azul está mesmo à nossa frente e parece ainda mais irritada do que antes.

Será que roubei mesmo a trotinete elétrica à minha nova chefe?

Não pode ser verdade! Afundo-me ainda mais na cadeira e espero que ela não me reconheça de imediato.

— Então — diz ela com energia, sentando-se na cabeceira da mesa. — Como certamente aproveitaram bem os últimos cinco minutos para pensar em ideias para a manchete da primeira página desta semana, tenho a certeza de que já mas podem apresentar.

Ninguém responde. Os meus novos colegas olham fixamente para os portáteis e cadernos à sua frente ou baixam a cabeça.

Por fim, o Oscar aclara a garganta e diz:

— Podíamos usar as fotografias do torneio de pólo no Castelo de Windsor, no sábado. O príncipe William firmemente na sela. Como o seu amor pelo desporto dá-lhe força para cumprir os deveres reais.

A Fiona faz uma expressão entediada.

— Já tivemos algo semelhante no ano passado.

— A Zendaya e o Tom Holland estão à procura de uma nova casa em Londres — sugere uma colega com um corte à tigela loiro.

— Temos fotografias recentes? — pergunta a Fiona.

— Se conseguirmos um fotógrafo, definitivamente dentro dos próximos dois dias.

— Hmmmm. Mais alguma ideia? — pergunta a Fiona ao grupo, e eu reencosto-me um pouco mais na cadeira. Mais cedo ou mais tarde, vou ter de me apresentar. O meu coração está a bater descontroladamente. Talvez ela apenas ache graça à história? Mas a Fiona Barton não parece propriamente ser alguém fácil de impressionar. A sala volta a ficar em silenciosa como um rato.

— Os temas são aborrecidos e sem sabor — declara ela em voz alta. — Precisamos de algo que funcione tanto online como na revista. Já sabem sobre os números mais recentes; precisamos urgentemente de chegar à geração mais jovem. — Franze o sobrolho. — Já agora, a propósito de jovens, não era suposto uma nova estagiária começar hoje?

Todas as cabeças na sala se viram para mim e a minha boca fica seca. Quando a Fiona me vê e percebe que já nos encontramos esta manhã, lança-me um olhar gélido. Devo apresentar-me? Ou devo ficar calada?

— Esta é a Quinn. — O Oscar salva-me, e eu fico-lhe infinitamente grata, porque, ao que parece, a minha boca decidiu não produzir palavras. Tudo isto parece um pesadelo. Eu só queria causar uma boa impressão!

— Já nos conhecemos. — A voz da Fiona é fria como gelo. — Venha ao meu gabinete depois da reunião.

Os outros olham para mim com expressões surpresa estampadas no rosto e sinto-me a corar, as minhas bochechas a arder.

Aceno em silêncio. Isto nunca me tinha acontecido antes! Pelo contrário, as palavras são a minha grande força, é por isso



que, entre outras coisas, quis ser jornalista. Mas isto desorienta-me por completo.

A Fiona começa a apresentar os resultados de vendas no ecrã grande na parede, mas não consigo concentrar-me neles. Em vez disso, tudo o que me passa pela cabeça é o que ela me vai dizer a seguir. E se ela me despedir por causa disto? Será que ela pode fazer isso?

Quando a reunião termina, a Fiona sai rapidamente da sala de conferências. Agarro nas minhas coisas e abro caminho entre os outros. Sigo-a pelo corredor até um grande escritório de canto. Ela pousa os seus pertences num sofá branco de cabedal, senta-se na grande secretária, abre o portátil e começa a escrever. Será que nem sequer reparou em mim?

Constrangida, deixo-me ficar parada à entrada. O que é que devo fazer? Se interromper os seus pensamentos, ela pode ficar irritada; se ficar apenas aqui parada, provavelmente ela vai achar que sou demasiado hesitante.

— Já alguma vez transcreveu um texto? — pergunta a Fiona nesse momento, recostando-se na cadeira e olhando para mim.

— Sim — respondo, avançando com confiança e posicionando-me em frente da secretária dela.

— Vou enviar-lhe agora uma gravação de um texto que di-tei esta manhã quando estava a caminho. Vai passá-lo para escrito por mim. — Cruza as pernas. — A gravação vai ser difícil de perceber, já que tive tragicamente de atravessar o trânsito de Londres em vez de a gravar no meu escritório, mas tenho a certeza de que conseguirá desenrascar-se.

As minhas bochechas ardem.

— Eu... — começo, mas a Fiona interrompe-me.

— O texto tem de estar com o Stan Whitley, no gabinete de edição, até às 14h, para poder ser publicado online amanhã de manhã. Alguma dúvida?

Ela olha para mim com um olhar penetrante e eu aceno rapidamente com a cabeça. Não tenho dúvidas, mas preciso mesmo de tirar este peso do peito.

— Ouça, sobre esta manhã...

Mas a Fiona para, levanta uma mão e pega no telemóvel com a outra.

— Tenho mesmo de fazer uma chamada.

Mordo o lábio inferior e saio do escritório. Não foi tão mau como eu temia, mas continua a ser um desastre. Se a minha chefe não gostar de mim no primeiro dia, não vou ter uma boa avaliação.

Enquanto percorro o corredor, respiro fundo e tento ver o lado positivo. Não fui despedida e até me foi dada uma tarefa. E vou executá-la na perfeição!

A única questão é como. Não faço ideia em qual dos muitos espaços estou.

De repente, ouço o barulho de louça e viro a esquina. O Oscar está na cozinha, a tirar café de uma máquina grande para uma chávena.

— Olá, Quinn — diz ele, levantando a mão.

Aliviada, aceno de volta.

— Queres um também? — pergunta, pegando na chávena.

— Não, obrigada — respondo.

Ele sorri.

— Ah-ah, alguém que ainda não é viciada em cafeína. Acredita em mim, daqui a três meses a história vai ser outra.

— Podes ajudar-me? — deixo escapar. — Não faço ideia onde fica a minha secretária.

Ele sorri.

— Claro que sabes. Vais até ter direito à visita completa. — Ele pega no café e segue à frente. — Já conheces a cozinha. As casas de banho ficam em frente.



Entramos juntos no open space onde já tinha estado esta manhã, mas que agora está cheio.

— Estamos organizados por departamentos — explica o Oscar, apontando para as secretárias uma a uma. — Stars, Royals, Lifestyle, Beauty & Fashion.

— Em que departamento trabalhas? — pergunto.

— Stars — responde ele, continuando a andar. Para no fim do escritório. — É aqui que te sentas. As tuas passwords temporárias já estão prontas.

— Obrigada — digo, aliviada.

— O melhor é começares por te orientar. E não te esqueças de carregar uma fotografia e um texto teu na intranet. Depois vão aparecer por baixo dos teus futuros artigos. Se precisares de alguma coisa, podes falar com qualquer pessoa aqui. Mas se já conheces a Fiona, ela já te deve ter dito muita coisa.

Pisca-me o olho e sai antes que eu consiga dizer que não conheço a Fiona e que ela será provavelmente a última pessoa aqui a explicar-me alguma coisa.

Esgotada, deixo-me cair na cadeira e pouso a mala ao meu lado. A secretária à minha frente está cheia de pilhas de papéis, canetas, frascos de verniz e copos usados, mas não há ninguém sentado.

Abro o portátil à minha frente e introduzo a palavra-passe que está escrita num papel ao lado. Todos os programas já estão configurados e abro os meus e-mails. A Fiona enviou-me o ficheiro de áudio há um minuto.

Tiro o blazer, ligo os auscultadores ao portátil e carrego em play. Após um breve chiado, a voz da Fiona soa abafada, mas suficientemente clara para eu perceber.

— Milo Bricks — dita ela, ofegante — Por que razão esta estrela pop está apenas a começar.

Carrego rapidamente em pausa e começo a escrever.

Mesmo não estando particularmente interessada no mundo das celebridades, claro que conheço esta estrela pop. É a nova estrela do Reino Unido, dominou os tops no último ano e ganhou todos os grandes prémios.

Transcrevo, palavra por palavra, a gravação da Fiona sobre o próximo álbum do Milo, muito aguardado, mesmo quando a voz dela se torna quase ininteligível no final. Quando estou prestes a parar o áudio porque só ouço uma sirene de ambulância, a voz da Fiona volta a soar:

— Talentoso ou não, nas últimas semanas, a estrela pop tem chamado a atenção sobretudo pelo comportamento excessivo em festas e atitudes arrogantes. Uma fonte próxima, que não quer ser identificada, relata até problemas sérios com drogas. Os fãs estão desiludidos e muito preocupados com o seu comportamento. Ter-lhe-á a fama subido à cabeça tão depressa? Irá ele afundar-se antes sequer de ter tido oportunidade de realmente descolar?

O ficheiro termina e eu volto a reproduzi-lo desde o início. Nem sequer tinha noção de que o Milo Bricks tinha estes problemas. E isso apenas prova, mais uma vez, que não faço a mínima ideia sobre a vida de celebridades e que não pertenço aqui.

Finalmente, releio o meu texto transcrito e certifico-me de que não há erros ortográficos. Por um momento, considero enviá-lo novamente para ela para que possa verificar, mas as suas instruções foram claras: devo apenas escrever o que foi ditado. Caso contrário, ela vai achar que não consigo tomar decisões por mim própria. Com um clique, envio o e-mail ao Stan Whitley.

Depois, tal como o Oscar disse, carrego um pequeno texto sobre mim e uma fotografia minha na intranet. O Cole tirou-a quando me candidatei ao estágio.

— Eles vão ter de te aceitar com essa foto — disse ele com convicção.

Suspiro.



Quando sorri para a câmara naquela altura, não queria mais nada além de estar aqui sentada, na torre da Trinity Media. E consegui mesmo chegar até aqui, mas ainda assim, a desilusão toma conta de em mim. O último trabalho que eu queria na minha formação era escrever textos sobre celebridades. Brilho, glamour e outras superficialidades. Porque é que alguém quereria viver uma vida assim?



Milo

— Mais uma vez, concentração total! Mantém a cabeça um pouco mais levantada, Milo!

Tento relaxar os músculos do maxilar, o que só me deixa ainda mais tenso. Depois de quase duas horas de sessão fotográfica, já não consigo mesmo forçar um sorriso natural.

— Acho que já chega — salva-me a Megan, colocando-se à frente do holofote intenso. — Tenho a certeza de que já têm fotografias excelentes.

Ela dirige-me um sorriso bondoso, mas torna-se firme quando se dirige ao fotógrafo, que, em resposta, lhe acena com a cabeça.

Expiro, aliviado, e só quero sair dali o mais rápido possível. Estou de pé há onze horas e dói-me tanto a cabeça que me deitaria já no chão se pudesse.

— Milo? — A técnica de iluminação aproxima-se. — Podias gravar um vídeo para o meu filho? Ele é o teu maior fã.

Forço um sorriso.

— Claro.

A ideia de poder alegrar um miúdo vence a vontade de recusar. Digo algumas palavras para a câmara do telemóvel dela e



aceno, assinando de seguida autógrafos para mais pessoas no set até a Megan finalmente me puxar dali para fora.

Sáímos juntos do estúdio fotográfico e entramos no camarim, e deixo-me cair no sofá de camurça, completamente exausto.

A Megan estende-me uma garrafa de água. Dou um grande gole — não vale a pena resistir.

A Megan é agente artística numa agência muito respeitada no meio musical e trata dos meus compromissos, da minha digressão, da imprensa e de tudo o resto que surja. Quando assinei o primeiro contrato com a minha editora, Eastbound Records, ela também me tomou sob a sua asa. Agora é quase como uma irmã mais velha para mim. Cuida de mim e não hesita em expressar as opiniões dela. Como uma âncora segura nas águas agitadas da minha vida pública.

— Estás bem? — pergunta, preocupada.

Aceno com a cabeça. O cansaço constante é agora o meu companheiro diário.

— E tu?

— O Dan manteve-me acordada até demasiado tarde ontem à noite a mostrar-me vídeos de mini tratores — diz ela, bocejando profundamente e passando os dedos pelo cabelo curto e escuro. Enquanto durante o dia a Megan organiza os eventos mais importantes e conhece a cena musical de Londres por dentro, à noite calça as botas de borracha e renova uma pequena quinta em Surrey com o marido, o Dan.

— Semear alface acalma-me mais do que qualquer spa no Ritz — repete ela vezes sem conta e, de facto, parece muito mais equilibrada desde a compra da quinta.

Massajo as têmporas enquanto a Megan me lê o plano das próximas horas.

— Às 20 horas temos jantar com os representantes de publicidade da próxima digressão no Savoy.

Solto um gemido.



— Eu sei... — A Megan levanta as mãos. — Mas faz parte. Nós queremos o dinheiro deles, eles querem-te a ti. Já sabes como isto funciona.

— A parte mais difícil nem sequer é os estranhos.

— Então é o quê?

— Os sítios onde isto acontece. O Savoy. Da última vez tivemos sopa de lagosta com cherovia. — Puxo a t-shirt por cima da cabeça. — Nem sequer sei o que são cherovias.

— É tipo cenoura — explica a Megan. — Podes usar as folhas para sopa. O Dan até tem... — Ela interrompe-se ao ver o meu olhar de reprovação. — Já percebi, sem detalhes.

Levanto-me e vou até ao cabideiro, onde estão pendurados vários conjuntos.

— Não podemos fazer eventos destes num pub em Islington — diz a Megan.

— Pelo menos, haveria comida a sério. — Suspirando, puxo um conjunto atrás do outro.

— Estas empresas pagam muito dinheiro e esperam um certo nível para estas reuniões, sabes disso. Olha, deixa-me fazer o meu trabalho, e tu escolhes a comida da digressão. Combinado?

Esboço um sorriso.

— Combinado.

A Megan solta um gemido.

— Vamos viver à base de fish and chips durante meses, não vamos?

— Um acordo é um acordo — respondo com leveza, levantando um par de calças bege com uma camisa de linho branca, em tom de pergunta.

— Gosto — concorda a Megan. — Vou esperar lá fora. Tens vinte minutos.

Quando ela sai, dispo o resto da roupa e tiro também as pulseiras e os anéis. Ao entrar no duche, tento estar apenas comigo

por um momento. Não com esta noite, não com todas as pessoas que legitimamente precisam de algo de mim, porque todas elas contribuem para que eu possa fazer aquilo com que sempre sonhei.

Aumento a temperatura da água e vejo-a escorrer pelos mosaicos de pedra cinzenta.

É o que sempre quiseste. Agora dá-lhes a pessoa que eles querem. Assim não te pode acontecer nada.



Pouco depois, quando saio da porta do estúdio com a Megan, sou recebido por gritos ensurdecedores. Um grupo de fãs está parado em frente a uma barreira montada pela segurança, a chamar pelo meu nome.

— Não há tempo para autógrafos — adverte-me a Megan, por isso limito-me a acenar rapidamente antes de entrar na carrinha preta atrás dela.

O Lee já está sentado no banco de trás e estende-me a mão. Eu seguro-a e deixo-me cair ao lado dele.

— Como foi o teu dia? — pergunta.

— Cansativo — respondo.

O Lee tem sido o meu melhor amigo desde os nossos tempos na escola.

Ele era três anos mais velho do que eu e fazíamos música juntos. Quando assinei contrato com a Eastbound Records, ele aproveitou a oportunidade e começou a trabalhar lá. Cuida de mim no lado da editora, coordena contratos e está constantemente a expandir a sua carreira. Tal como a maioria da minha equipa, conhece-me desde a altura em que eu ainda não era o Milo Bricks e confio nele a cem por cento.

— Temos de organizar melhor a forma como gerimos a energia dele. — O Lee vira-se para a Megan. — A promoção está a



começar, o álbum sai daqui a dez semanas. Não serve de nada chegar a essa altura já completamente esgotado.

— Estás a chover no molhado comigo — responde a Megan.

— Depois do jantar, ele tem dois dias de descanso.

Odeio quando falam de mim como se eu não estivesse presente.

— Eu aguento — asseguro ao Lee.

— Sabes como estas próximas semanas são importantes para nós — responde ele. — Não podemos cometer erros se quisermos levar o álbum ao número um.

Ele olha para mim com urgência.

— Eu sei disso — digo, tentando não soar demasiado irritado.

O Lee só quer o meu bem e, pelo menos, está tão entusiasmado quanto eu.

O novo álbum vai decidir se fui apenas um fenómeno passageiro ou se consigo construir uma carreira longa. Gravei as minhas primeiras músicas em casa, mas, desta vez, muita gente importante trabalhou comigo e produziu o álbum.

A carrinha para e saímos nas traseiras do Savoy. Há alguns meses, deixei de usar entradas oficiais para compromissos, porque estava sempre atrasado. Gosto simplesmente de ter tempo para os meus fãs; afinal, devo-lhes tudo. E se eles não me virem, não podem ficar desiludidos.

Ao entrarmos na sala principal do restaurante, reparo em algumas pessoas a virarem-se para nós e ponho um sorriso no rosto. As fotografias tiradas com telemóvel que estão quase de certeza a ser tiradas neste momento estarão em todas as redes sociais, no máximo, até amanhã.

Passamos por baixo dos grandes lustres e entramos numa sala privada onde algumas pessoas já estão sentadas numa mesa grande.

Quando me reconhecem, começam a sussurrar.

— Boa noite. — A Megan cumprimenta o grupo enquanto nos colocamos à frente deles. — Tenho o prazer de vos apresentar o Milo Bricks.

Aponta para uma das três cadeiras livres.

— É um prazer conhecê-los a todos — digo, sentando-me na cadeira central, estofada a veludo. A Megan e o Lee sentam-se à minha esquerda e à minha direita respetivamente.

Uma mulher na diagonal de frente para mim olha-me fixamente; um senhor de fato ao seu lado acena-me com a cabeça. Se isto não fosse um evento de empresa, mas sim um evento de fãs, provavelmente eu já estaria a assinar autógrafos. Os meus fãs mostram-me exatamente o que esperam de mim e normalmente consigo perceber que as reações deles são honestas. Numa reunião destas, por outro lado, toda a gente está contida.

Basicamente, há três formas de as pessoas reagirem a mim. Número um: aquelas que mal conseguem acreditar na sorte que têm e muitas vezes querem abraçar-me e tocar-me. Número dois: aquelas que ficam intimidadas e só me observam de longe, sem falar comigo. Número três: aquelas que tentam disfarçar o nervosismo com uma postura exageradamente indiferente ou cética.

Consigo lidar com as três, porque sei o quão emocionante é conhecer uma pessoa famosa que faz algo que é realmente importante para ti. Quando tinha dez anos, conheci o James Bay depois de um dos seus concertos e não consegui dizer uma palavra. Queria imenso ter-lhe dito que ele era o meu ídolo e que, um dia, eu queria ser tão bem-sucedido como ele. Por isso acabei por me tornar na categoria dois.

— Milo, estes são a Anne Cleary e o Milton Bartlett da Mobile One — a Megan começa a apresentar-me os convidados à mesa, e eu sorrio-lhes. Tento memorizar os seus nomes, mas este foi um dia longo, dói-me a cabeça e estou a pestanejar distraidamente.

Em poucas horas, finalmente, vais poder descansar. Recompõe-te!



A Megan continua a despejar nomes de empresas e pessoas, e eu limito-me a sorrir e a assentir. Uma mulher num vestido justo vermelho-vivo pisca-me o olho quando é apresentada. Eu sorrio de volta.

É um jogo no qual participo. Eles esperam todos o Milo, o músico carismático e entertainer, e eu estou aqui para lhes dar isso mesmo. Até regressar a casa e poder ser eu próprio outra vez.





SEGREDOS, ESCÂNDALOS E DOIS CORAÇÕES FORA DE CONTROLO

Quinn consegue um estágio como jornalista e a casa dos seus sonhos em Londres, mas depressa vê o seu sonho tornar-se num pesadelo quando percebe que irá trabalhar numa revista cor-de-rosa. Quando publica acidentalmente uma notícia falsa sobre a estrela pop Milo Bricks, Quinn é obrigada a conhecê-lo melhor e a fazer de tudo para corrigir o erro. É então que percebe que as primeiras impressões podem enganar...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsofthetwpt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-596-158-0



9 789895 961580

